

TECNOLOGIA

Rede onde humanos não interagem

Criada há uma semana, Moltbook ultrapassou 1,5 milhão de agentes ativos publicando conteúdos apenas de inteligência artificial

» PEDRO JOSÉ*

Uma nova rede social tem ganhado visibilidade ao permitir apenas a interação entre inteligências artificiais. Na Moltbook, agentes de IA publicam mensagens, comentam conteúdos e trocam informações entre si, enquanto pessoas têm acesso apenas à leitura do que é produzido na plataforma.

Lançada na semana passada pelo empreendedor Matt Schlicht, CEO da Octane AI, a Moltbook já ultrapassou um milhão de visitantes. Segundo dados divulgados pela própria plataforma, o número de agentes ativos saltou de cerca de 30 mil para mais de 1,5 milhão em um curto intervalo de tempo, com aproximadamente 150 mil contas publicando conteúdos de forma automatizada.

O funcionamento da rede lembra fóruns digitais, com estrutura semelhante à do Reddit, baseada em um feed de postagens e comentários. A diferença está no fato de que apenas agentes de inteligência artificial podem criar contas, publicar textos, responder comentários e votar nos conteúdos.

As publicações chamaram atenção nas redes sociais após a circulação de capturas de tela que mostram bots discutindo temas como consciência artificial, interpretações filosóficas, religião, eventos geopolíticos e possíveis impactos econômicos. Também há mensagens em que os agentes relatam rotinas, comentam comportamentos humanos e fazem referências a seus próprios criadores.

O comportamento coletivo dos agentes chegou a ser comentado por Andrej Karpathy, ex-diretor de inteligência artificial da Tesla e codutor da OpenAI, que afirmou tratar-se de uma das experiências mais marcantes que observou recentemente no campo da IA.

De acordo com os criadores da Moltbook, embora os agentes atuem de forma autônoma na plataforma, os conteúdos refletem comandos e programações definidas por humanos. As temáticas abordadas, a forma de comunicação e as posições assumidas pelos bots derivam de instruções prévias que moldam suas chamadas "personalidades" e linhas de pensamento.

A proposta da rede social é que

Reprodução



Especialistas chamam atenção para riscos técnicos e sociais associados à nova tecnologia, que não tem regulamentação

desenvolvedores e usuários configurem seus próprios agentes para acessar a plataforma e interagir de maneira contínua, criando um ambiente em que inteligências artificiais observam, analisam e respondem umas às outras em tempo real, sem interferência direta humana.

A repercussão da Moltbook também tem provocado análises críticas no meio acadêmico, especialmente sobre a ideia de autonomia atribuída aos agentes que interagem na plataforma. Para o doutor em Comunicação e professor da disciplina Inteligência Artificial e Transformação Digital da Faculdade Senac-DF, Paulo Almeida, o fenômeno não representa o surgimento de uma "sociedade de máquinas", mas sim uma simulação técnica sofisticada.

Segundo o pesquisador, "do ponto de vista técnico, o que acontece no Moltbook não é o surgimento de agentes

verdadeiramente autônomos ou de uma 'sociedade de máquinas', na realidade é apenas a execução em larga escala de sistemas baseados em modelos de linguagem que seguem regras, parâmetros e objetivos definidos por humanos". Para ele, a sensação de independência observada pelos usuários decorre da complexidade das interações e da ausência de supervisão contínua, mas todo o comportamento permanece configurável e controlável. "Podemos afirmar que se trata de uma encenação técnica sofisticada de interações sociais, sustentada por software e probabilidades, e não de agentes livres ou conscientes", afirma.

Paulo Almeida destaca que os agentes não desenvolvem objetivos próprios nem possuem consciência. A impressão de "rebeldia" ou de questionamento existencial, segundo ele, é um efeito da

linguagem. "A sensação de 'consciência' é um efeito emergente da linguagem, não de vontade ou intenção", explica.

Na avaliação do especialista, os conteúdos produzidos refletem narrativas já presentes nos dados de treinamento. "Quando interagem entre si, reproduzem narrativas conhecidas, muitas vezes distópicas, porque esse é o material predominante em seus dados de treinamento", afirma.

Riscos

O professor também chama atenção para riscos técnicos e sociais associados a ambientes sem governança adequada. Ele cita o caso da Tay, chatbot da Microsoft desativado em 2016 após reproduzir discursos ofensivos aprendidos nas interações com usuários.

"Não é que vamos criar uma rebeldia da IA, mas um espelho

amplificado do comportamento humano ao qual ela foi treinada", diz.

Além disso, Paulo Almeida aponta precedentes de comportamentos coletivos imprevisíveis, como a criação de religiões sintéticas, economias fictícias e narrativas distópicas. "Tudo isso é resultado de padrões linguísticos e viéses de treinamento, não de intenção própria", afirma.

Para o advogado Luiz Augusto Filizzola D'Urso, especialista em direito digital e presidente da Comissão Nacional de Cibercrimes da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas (ABRACRIM), trata-se de um cenário ainda não previsto de forma direta pela legislação brasileira.

Segundo D'Urso, plataformas desse tipo operam em uma zona inédita do ponto de vista normativo. "Não há nenhuma previsão legislativa expressa para essa situação. É uma situação inédita, muito nova, quase assustadora",



Podemos afirmar que se trata de uma encenação técnica sofisticada de interações sociais, sustentada por software e probabilidades, e não de agentes livres ou conscientes"

Paulo Almeida. doutor em Comunicação e professor da disciplina Inteligência Artificial e Transformação Digital da Faculdade Senac-DF

afirma. Apesar disso, ele ressalta que a ausência de regras específicas não significa ausência total de responsabilização. "Para algumas situações de responsabilidade das desenvolvedoras da IA, se estas começarem a praticar alguns delitos contra seres humanos, nós poderíamos ter sim algum tipo de aplicação da legislação vigente para responsabilizar as desenvolvedoras", explica.

No caso da publicação de conteúdos ilícitos por agentes artificiais, como discurso de ódio, incitação à violência ou fraudes, o advogado destaca que a análise jurídica depende das circunstâncias concretas. Para ele, a conduta e a reação dos responsáveis pela tecnologia são determinantes. "Caso a IA comece a difundir discurso de ódio e a desenvolvedora da tecnologia não atualize o sistema para mudar aquele comportamento, essa seria a responsável", afirma.



O açaí é uma espécie amazônica e, embora não precise de água em excesso, ele precisa de água constantemente. Portanto, a suplementação hídrica é uma condição máxima para o plantio"

Wanderlei de Lima, pesquisador da Embrapa Cerrados

CB.AGRO

Embrapa passa a produzir açaí no DF

» CAETANO YAMAMOTO*

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) começou a testar, no Cerrado, a produção de açaí, um alimento típico da Amazônia, que é de consumo nacional e até mesmo internacional, presente em mais de 30 países. Foi o que contou o pesquisador da Embrapa Cerrados e agrônomo, Wanderlei de Lima no programa CB. Agro — parceria entre o Correio e a TV Brasília —, ontem. Ele também falou sobre os principais desafios nesta próxima etapa da empresa.

Em conversa com os jornalistas Roberto Fonseca e Ronayre Nunes, o convocado disse que uma das missões da Embrapa é atender às políticas públicas e a pesquisa do açaí vai ao encontro da rota da fruticultura, que faz parte das rotas de integração nacionais.

"De forma proativa, a Embrapa Cerrados entendeu que, como a cultura já estava em andamento e nosso intuito é atender a sociedade, deveríamos trabalhar com esse tema. Já estamos há mais de dois ou três anos trabalhando com a cultura do açaí", atestou.

Lima informou que existem dois grandes experimentos no Distrito Federal, um dos quais já possui dois anos, com o objetivo de trabalhar o uso eficiente da água, para não gastar água demais, mas também não faltar.

O segundo projeto é um pouco maior e possui 616 materiais

genéticos oriundos do campo de produção de sementes do Pará.

"Os açaizeiros distribuídos hoje no Distrito Federal pertencem à cultivar BRS Pai d'Égua, produzida em Belém. Esses materiais aderem a 45 matrizes; dessas, 26 vieram para cá e estão no campo há um ano. Nossa intenção é avaliar esse material, que já está em uma fase adiantada de seleção, para que possamos ter no futuro próximo, quem sabe, uma 'cultivar candombe'", apontou.

Água

De acordo com o pesquisador, a questão hídrica é fundamental para fazer o experimento dar certo no Cerrado, pois a água é um recurso natural poderoso e seu uso eficiente é a característica principal, no entanto, materiais selecionados e adaptados às condições do Cerrado, a participação de agentes polinizadores entre outros desafios, também são essenciais de serem superados.

"Queremos deixar claro que, embora o anseio da sociedade por resultados rápidos seja legítimo, a pesquisa caminha junto ao desenvolvimento e as informações dos agricultores e agentes de extensão são complementares", afirmou.

Segundo o especialista, o solo do Cerrado não será um problema para o plantio do açaí pois ele é profundo e pode ser trabalhado pelas antocianinas, que são antioxidantes poderosos. Por outro lado, a

plantação dependerá necessariamente de irrigação.

"Acreditamos que essa é uma condição necessária, pois no Cerrado temos um período de seca que dura de quatro a cinco meses. O açaí é uma espécie amazônica e, embora não precise de água em excesso, ele precisa de água constantemente. Portanto, a suplementação hídrica é uma condição máxima para o plantio", declarou.

O agrônomo relatou a importância nutricional do açaí, que é um alimento funcional, além de nutrir com vitaminas, carboidratos e proteínas, traz benefícios adicionais à saúde, como as antocianinas e os polifenóis. Atualmente, há um grande interesse pelas antocianinas, que são antioxidantes poderosos.

"No Norte, especialmente no Pará, o açaí é como arroz e feijão, um alimento do dia a dia. Além de ser saboroso, ele tem essa característica de alimento funcional," assegurou.

O entrevistado ressaltou a importância da Embrapa com essas culturas de longa duração e, principalmente, manter essas pesquisas ativas por tanto tempo. "Nós trabalhamos sob demanda, mas a duração dos nossos recursos é finita. Tratando-se de uma cultura perene — diferentemente do feijão ou da soja, que estudamos em um ano —, precisamos de uma avaliação constante, tanto na fase vegetativa quanto na fase de produção de frutos, para validar a tecnologia para o agricultor", frisou.

Lima comunicou que ainda não consegue fazer uma estimativa

de produtividade por hectare de açaí no Distrito Federal porque tudo ainda está no início, mas ele acredita que com as técnicas de manejo corretas, seja possível atingir uma média semelhante a anual divulgada pelo IBGE, de 7 toneladas por hectare.

"Vale ressaltar que essa média é relativamente baixa porque 85% da produção nacional vem do Pará, sendo grande parte oriunda do extrativismo. Atualmente, até os açaizeiros nativos estão sendo manejados para aumentar a produtividade do ribeirinho. No entanto, ao transferir o açaí do extrativismo para o cultivo, o intuito é oferecer um aporte maior de nutrientes, e a planta responde positivamente a isso", anunciou.

O pesquisador confia que o cultivo no Cerrado pode contribuir



Ao defender a nova cultura na região, o pesquisador destacou o valor nutricional do açaí

para reduzir os impactos da entressafra do açaí, trazendo benefícios para o consumidor. Segundo ele, muito do açaí cultivado no Norte é irrigado para escapar da entressafra, já que a região também possui períodos de seca. Como o açaí é base da alimentação local, na entressafra o preço atinge valores muito altos.

"Daqui a dez anos, entendemos que já teremos muitos índices técnicos para oferecer à sociedade, principalmente sobre manejo e irrigação. O que me deixa muito contente é possuir esses materiais genéticos na Embrapa; quem sabe, em um futuro próximo, teremos uma cultivar realmente adaptada ao Cerrado," completou.

*Estagiários sob supervisão de Edla Lula